TEA e BPC: O Dilema da Inserção no Mercado de Trabalho

Danyele Rodrigues de LIRA (danyelelyra\_@hotmail.com)1 Ana Paula Genovezzi Vieira BASSOLI (anapbassoli@htmail.com)2

Centro Universitário Cesmac, Alagoas, Maceió, Brasil.

Palavras-Chave: Autonomia; reabilitação; Transtorno do Espectro do Autismo.

**Introdução:** O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é descrito como um transtorno no neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritivos. Segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 29,2% das pessoas com deficiência participam do mercado de trabalho, comparado a 66,4% da população geral. No Brasil, a condição do diagnóstico pode impactar a inclusão dessa pessoa no mercado de trabalho devido a muitos dependerem do Benefício de Prestação Continuada (BPC), como meio para subsistência. Dessa forma, a possibilidade de perda do BPC ao ingressar no mercado de trabalho gera preocupação entre os familiares, criando barreiras adicionais para a independência da pessoa com TEA. Este relato de caso descreve a situação de um paciente com esse diagnóstico, que deseja trabalhar, mas enfrenta resistência familiar devido ao medo de perder o BPC. **Objetivo:** Descrever o impacto do medo de perder o Benefício de Prestação Continuada (BPC) na decisão familiar de impedir que um paciente com TEA ingresse no mercado de trabalho, destacando as implicações para a autonomia e o bem-estar do paciente. **Material e Método:** O paciente é um adulto de faixa etária de 18 anos de idade, com diagnóstico de TEA, assistido em um centro especializado em reabilitação de Maceió- AL, que expressa o desejo de trabalhar para alcançar maior independência, contribuir para a renda familiar e realizar o desejo de ter um trabalho como os seus irmãos. Apesar de suas capacidades e interesses, a família, preocupada com a possível perda do BPC, tem impedido o paciente de buscar oportunidades de emprego. A avaliação foi realizada por meio de entrevistas com o paciente e seus familiares, bem como uma análise dos potenciais benefícios e riscos associados ao ingresso no mercado de trabalho. **Resultados:** O paciente demonstra capacidade para realizar atividades laborais simples e um forte desejo de inserção no mercado de trabalho. No entanto, o receio da família em perder o BPC tem sido um fator determinante para a manutenção da atual situação, resultando em frustração e sentimento de impotência por parte do paciente. A análise revelou que a falta de informação clara sobre os direitos do paciente e as condições de manutenção do benefício em casos de trabalho formal ou informal contribui para o medo dos familiares. **Conclusão:** Este caso destaca a necessidade de políticas públicas mais claras e acessíveis, que orientem as famílias sobre as possibilidades de conciliar o trabalho com a manutenção do BPC. A falta de informação e o medo de perder o benefício acabam por limitar o potencial de autonomia e a qualidade de vida do paciente. Recomenda-se a promoção de campanhas educativas com essas famílias e a criação de programas que facilitem a transição para o mercado de trabalho sem comprometer a segurança financeira proporcionada pelo BPC.